

Mário Quintana:
poesia, modernidade e resistência
em S.O.S. em Babilônia

Sonia Regina Martins Goncalves

Docente da Fatec Itaquaquecetuba
Mestrado em Letras pela USP
Graduação em Letras pela USP e UMC.
E-mail: soniamart@ig.com.br

Recebido: 11 out. 2018

Aprovado: 29 nov. 2018

Resumo: A poesia é uma atividade especial da linguagem que visa ir além de seu uso automatizado. Ao deslocar e reorganizar as estruturas verbais, cria novos e inusitados sentidos, que possibilitam ao leitor re-conhecer o mundo. Mas considerando a urgência e velocidade de nossa realidade prática, qual é o lugar da palavra poética no mundo de hoje? Este texto busca, a partir de um poema de Mário Quintana, promover algumas reflexões sobre essa questão.

Palavras-Chaves: Mário Quintana. Literatura Brasileira. Poesia.

Abstract: The poetry is a special language activity that aims to go beyond its automated use. By shifting and reorganizing verbal structures, it creates new and unusual senses, which enable the reader to re-know the world. But considering the urgency and speed of our practical reality, what is the place of the poetic word in the world today? This text seeks, from a poem by Mário Quintana, to promote some reflections on this issue.

Keywords: Mário Quintana. Brazilian literature. Poetry.

Resumen: La poesía es una actividad especial del lenguaje que pretende ir más allá de su uso automatizado. Al desplazar y reorganizar las estructuras verbales, crea nuevos e inusitados sentidos, que posibilitan al lector re-conocer el mundo. Pero considerando la urgencia y velocidad de nuestra realidad práctica, cuál es el lugar de la palabra poética en el mundo de hoy? Este texto busca, a partir de un poema de Mário Quintana, promover algunas reflexiones sobre esa cuestión.

Palabras Claves: Mário Quintana. Literatura Brasileña. Poesía.

*A saudade de tempos que parecem mais
humanos nunca é reacionária (...)
Reacionária é a justificação do mal em
qualquer tempo. Reacionário é o olhar
cúmplice da opressão.*

Alfredo Bosi (2015)

Introdução

Cultura científica sem cultura humanística são duas subculturas, no dizer de Morin (1997, p. 45). Essa afirmação nos leva a considerar que, hoje, vivemos um descompasso da relação entre ciência e pensamento.

Em entrevista concedida à Revista *Adusp*, em 2015, o Prof. Alfredo Bosi comenta que a poesia é a forma mais densa e mais intensa da expressão verbal, e que, portanto, seria particularmente bem-vinda no mundo de hoje, “atravancado de objetos, atulhado de imagens, aturdido de informações, submerso em palavras, sinais e ruídos de toda sorte”. E lembra ainda que, frequentemente, ao conversar com profissionais de diversas áreas, nota que são competentes no que fazem, que dominam amplamente os seus objetos, mas são pessoas incultas, em grande medida, porque todos os currículos e o universo que as cercava as levaram a considerar a literatura como algo eminentemente supérfluo.

Na mesma linha de pensamento vai a frase de Mário Quintana (1906-1994): “O progresso é a insidiosa substituição da harmonia pela cacofonia”. Retirada de seu poema “Barulho e Progresso”, já nos fornece as primeiras pistas a respeito de seu posicionamento em relação a esse tema. É flagrante em vários de seus poemas a reação ao desenvolvimento, que separa o homem da natureza e o cerca de cimento. Através da observação – frequentemente dessacralizadora – da realidade circundante, o poeta faz uma crítica e satiriza o progresso, que se confunde com a anulação da individualidade e com a desumanização dos ambientes natural e urbano.

A crise ambiental e civilizatória que vivemos hoje nos leva a questionar os pilares da sociedade resultante de um processo histórico baseado na racionalidade. O tema progresso, para Quintana, parece significar a negação da vida moderna, enquanto

esta ocasiona a destruição impiedosa e contínua de tudo aquilo que individualiza um lugar ou um ser humano.

E, para usar suas palavras, “antes que um dia nos identifiquem a ferro em brasa, como fazem os estancieiros com seu gado amado”, o poeta resiste a todas as formas de massificação, contrariando, portanto, as exigências da civilização moderna, onde não há lugar para a imaginação e as individualidades. “Graças a Deus não pertencço intelectualmente à era mecânica”, diz ele, no poema “Achados e perdidos”.

A poesia é uma atividade especial da linguagem que visa ir além de seu uso automatizado. Ao deslocar e reorganizar as estruturas verbais, cria novos e inusitados sentidos, que possibilitam ao leitor re-conhecer o mundo. Mas considerando a urgência e velocidade de nossa realidade prática, qual é o lugar da palavra poética no mundo de hoje? Este texto busca, a partir de um poema de Mário Quintana, promover algumas reflexões sobre essa questão.

I- Poesia e modernidade

Em vários de seus poemas, Mário Quintana denuncia a substituição dos valores espirituais por artigos de consumo nesses tempos tão bem descritos por Alfredo Bosi (1999), em seu *O ser e o tempo da poesia*:

A *ratio* abstrata transformou o corpo e a cabeça de cada indivíduo em mão-de-obra sem nome nem rosto que pode ser substituída a qualquer hora. Das fontes da natureza fez matéria-prima; do fruto do trabalho fez mercadoria a ser trocada e consumida (BOSI, 1999, p. 146).

O conceito de “modernização”, segundo lembra Schwartzman (1997), foi introduzido pelas ciências sociais no período do pós-guerra para caracterizar os processos de transição por que os países e nações “atrasados” ou “subdesenvolvidos” deveriam, esperava-se, passar para alcançar os níveis de renda, educação e produtividade tecnológica característicos dos países industrializados. Porém, o termo começou a entrar em desgraça quando ficou claro que nem todos os países e sociedades seguiam os mesmos passos por meio da História e quando as esperanças de um progresso contínuo das ex-colônias e países periféricos rumo aos níveis e padrões de desenvolvimento dos países mais ricos começaram a se desfazer.

Assim, o futuro, que o iluminismo apresentava como inteligível em suas leis e conquistável pelo trabalho, agora se apresentaria como incerto e sombrio. A tecnologia estaria destruindo o meio ambiente, prostituindo a mente pela influência da mídia e ameaçando de destruição a própria humanidade. Em virtude disso, hoje o que o termo sugere é uma grande incerteza, instabilidade e desencantamento.

Entre os teóricos que tratam da modernidade tardia, ou da “pós-modernidade”, como preferem alguns, Zygmunt Bauman (2001) é uma importante referência. Para ele, as mudanças que se estabeleceram nas últimas décadas exerceram, e ainda exercem, grande influência sobre o mundo social contemporâneo.

Entre elas, a globalização foi uma das maiores forças de transformação da paisagem social moderna: a aproximação, ou o “encurtamento das distâncias”, transformou as relações humanas de várias formas. O conceito de “modernidade líquida”, criado por Bauman (2001), no entanto, não se confunde com a “pós-modernidade”. Para este autor, não houve uma ruptura ou superação do período anterior, mas uma continuação desse mesmo período com uma lógica diferente, caracterizada pela volatilidade.

Na época atual, o ritmo incessante das transformações gera angústias e incertezas e dá lugar a uma nova lógica, pautada pelo individualismo e pelo consumo.

Assim, duas das características da modernidade líquida são a substituição da ideia de coletividade e de solidariedade pelo individualismo, bem como a transformação do cidadão em consumidor.

Nesse contexto, as relações afetivas se dão por meio de laços momentâneos e volúveis e se tornam superficiais e pouco seguras (amor líquido). No lugar da vida em comunidade e do contato próximo e pessoal privilegiam-se as chamadas conexões, relações interpessoais que podem ser desfeitas com a mesma facilidade com que são estabelecidas, assim como mercadorias que podem ser adquiridas e descartadas. Exemplo disso seriam os relacionamentos virtuais em redes.

Quintana vê nesse quadro o sacrifício da poesia como uma de suas maiores vítimas. Esse “mundo cibernético”, com suas “bugigangas eletrônicas” – para utilizar suas próprias palavras, retiradas do poema “Fim do mundo” – subjuga a natureza e, com isso, interrompe o canal de comunicação predileto do criador, com a perda da musicalidade inerente à palavra, antes harmônica.

Nesse sentido, a poesia de Quintana acaba sendo também uma poesia de resistência – um dos aspectos característicos da lírica moderna – que se apega à memória do passado, já que o sujeito encontra-se esvaziado de si mesmo ou dividido frente à fragmentação, desumanização e destruição do seu mundo.

Para melhor compreender essas questões, passemos a ler e analisar um dos muitos poemas de Quintana que nos remetem a essa temática.

II- O poema

S.O.S em Babilônia

Na cidade dos ruídos mecânicos, atrozes
-- Onde as rãs, onde os grilos, onde as misteriosas vozes

que urdiam a rede dos côncavos silêncios noturnos?

Os arroios se foram no ralo agonizante das pias...

As últimas procissões
com as suas campânulas cada vez mais remotas
vão andando de costas como um filme passado às avessas...

(Eu estou gravando este lento poema nas paredes de uma cela).

“S.O.S em Babilônia” é um poema retirado de *Apontamentos de História Sobrenatural*, de 1976. Formado por oito versos, longos em sua maioria, sem seguir métrica nem rimas (presente apenas nos versos 1 e 2), o poema – quase prosa – faz uma comparação entre dois mundos: aquele, situado no passado, em que o poeta se formou e que desapareceu, e um outro, atual, que caminha para a destruição. O primeiro, tão caro ao poeta, é aquele representado por substantivos como “rãs”, “grilos”, “vozes”, “silêncios”, “arroios”, “procissões” e “campânulas”. Em contrapartida, ao segundo estão associados grupos de substantivos como “cidade”, “ruídos”, “ralos” e “pias”. Assim, enquanto que o primeiro grupo de substantivos remete, de certa forma, ao mundo da natureza, o segundo grupo encerra elementos artificiais, produzidos pelo homem.

A começar pelo título, o poema é um pedido de socorro contra o estado de coisas descrito na introdução do presente trabalho, e que se refere à civilização moderna. A despeito disso, o pedido de socorro é feito “em Babilônia”, civilização da Antiguidade.

Afinal, a cidade magnífica de Nabucodonosor também acabou se transformando, após um período de apogeu, em símbolo de confusão e caos. Na cidade moderna, as promessas de um mundo melhor, obtido por meio do desenvolvimento tecnológico ruíram, e o caos também se instalou. Essa degradação é descrita em três momentos do poema:

Nos três primeiros versos, o poeta contrapõe os sons do passado com os do presente: os silêncios noturnos não são mais permeados de “misteriosas vozes” e sons de grilos e rãs. Hoje esse silêncio é rompido por ruídos “mecânicos” e “atrozes”, e a poluição sonora contribui para a diminuição da qualidade de vida. No quarto verso, o poeta cria uma imagem forte para caracterizar a degradação ambiental: “os arroios se foram no ralo agonizante das pias...”

Pois bem: o crescimento tem custos; qualquer um que o deseje tem de pagar o preço, e o preço é altíssimo. Berman, em seu **Tudo o que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade, lembra que, a esse respeito, Marx, num parágrafo do *Manifesto Comunista*, comenta:

A burguesia, em seu reinado de apenas um século, gerou um poder de produção mais massivo e colossal do que todas as gerações anteriores reunidas. Submissão das forças da natureza e do homem, maquinário, aplicação da química à agricultura e à indústria, navegação a vapor, ferrovias, telegrafia elétrica, esvaziamentos de continentes inteiros para o cultivo, canalização de rios, populações inteiras expulsas de seu habitat (BERMAN, 1993, p. 91).

Ora, para constrangimento do homem moderno, ele não pode olhar de frente as estradas que abriu: as grandes e amplas pistas podem converter-se em abismos. Os arroios cristalinos se transformaram em esgoto e foram tragados pelos ralos.

Nos versos 5, 6 e 7, outra imagem forte:

“As últimas procissões / com as suas campânulas cada vez mais remotas / vão andando de costas como um filme passado às avessas...”

A degradação, nesse caso, diz respeito aos valores e à religiosidade simples do povo, que vão se perdendo definitivamente nessa segunda Babilônia. Como o profeta Jeremias, da Bíblia, o poeta acusa as mudanças ocorridas na sociedade, que acabaram por corrompê-la. Pode-se ainda mencionar que, segundo o que consta no Dicionário de Simbologia de Manfred Lurker (1997, p. 147),

Os deuses babilônicos exigiam dos fieis não apenas sacrifícios e louvores de culto como esperavam também um comportamento moral em face dos demais seres humanos, e em caso de pecados grandes ou pequenos, conscientes ou inconscientes, o deus protetor abandonava-o e entregava-o aos demônios.

A imagem das procissões caminhando de costas “como um filme passado às avessas” lembra os procedimentos típicos de magia negra, em que os ritos são realizados de trás para frente.

Para o poeta, o projeto de modernização aparece como um equívoco desastroso, uma força demoníaca que arrancou a espécie humana de sua unidade primordial com a natureza, fazendo com que a humanidade seja gradualmente descartada do ambiente que ela mesma criou.

A moderna humanidade se vê em meio a uma enorme ausência de valores, mas, ao mesmo tempo, em meio a uma desconcertante abundância de possibilidades. Berman (1993), ao traçar em seu livro um painel dos tempos modernos por meio de uma variedade impressionante de nomes, comenta que duas das vozes mais distintas do século XIX – Nietzsche e Marx – revelam um sentimento surpreendentemente similar em relação à vida moderna: o de que, em nossos dias, tudo está impregnado de seu contrário. Assim, segundo Marx,

O maquinário, dotado do maravilhoso poder de amenizar e aperfeiçoar o trabalho humano, só fez, como se observa, sacrificá-lo e sobrecarregá-lo. As mais avançadas fontes de saúde, graças a uma misteriosa distorção, tornaram-se fonte de penúria (...). Todas as nossas invenções e progressos parecem dotar de vida intelectual às forças materiais, estupidificando a vida humana ao nível da força material.” (BERMAN, 1993, p. 19).

Nietzsche, por sua vez, afirma que se vive num

tempo tropical de rivalidade e desenvolvimento, magnífico, multiforme, crescendo e lutando como uma floresta selvagem, e, de outro lado, um poderoso impulso de destruição e autodestruição, resultante de egoísmos violentamente opostos, que explodem e batalham por sol e luz (BERMAN, 1993, p. 21).

Em “S.O.S em Babilônia”, no último verso, o mais longo do poema, o poeta se revela, declarando, em primeira pessoa, estar “gravando este lento poema nas paredes de uma cela”. Pois bem: o poeta está confinado num espaço exíguo, isolado deste

mesmo mundo com o qual não se identifica e que lhe causa tanto mal-estar, mas não o faz numa torre de marfim. Afinal, a poesia já não coincide com o rito, as palavras sagradas e a divindade, num mundo dominado pela sociedade de consumo.

Mário Quintana assume, aí, uma atitude típica do poeta moderno de afastar-se do grande público, negando as delícias do mercado e da ideologia burguesa.

Conclusão

É de dentro de sua cela simbólica que o poeta se pronuncia sobre a sociedade moderna e de onde pergunta pelos elementos e valores do mundo em que se formou e que está desaparecendo. E, ao questionar o paradeiro das rãs, dos grilos e dos silêncios, questiona também o lugar da poesia nesse mundo hostil e dissonante. Sua reclusão na cela não deixa de ser uma forma de resistência a esse estado de coisas.

Em contrapartida, no poema de Quintana o passado confunde-se com o paraíso perdido, local de abrigo e segurança. Tal posicionamento, embora correndo o risco de ser interpretado como puro conservadorismo, é antes saudade de um tempo anterior ao domínio da máquina sobre a natureza, em que arroios, grilos e rãs faziam um coro harmonioso com o som das campânulas nas procissões.

Em seu emblemático artigo “O direito à literatura”, Antonio Candido começa por nos fazer refletir sobre as contradições de nossos tempos, marcados por um máximo de racionalidade técnica convivendo com uma enorme irracionalidade do comportamento. Para Candido (1995, p. 236), “nossa época é profundamente bárbara, embora se trate de uma barbárie ligada ao máximo de civilização.”.

Apesar desse panorama desfavorável, o crítico apresenta a literatura como uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita, sob pena de mutilar a personalidade, e cuja satisfação constitui um direito. Menciona, assim, a luta pelos direitos humanos, considerando que eles não se constituem apenas por aqueles que “asseguram a sobrevivência física em níveis decentes, mas os que garantem a integridade espiritual” (1995, p. 241), incluindo, nesse rol, ao lado da alimentação, da moradia e da saúde, o direito à arte e à literatura.

Para Candido, a literatura é um fator de humanização, entendendo por essa palavra, entre outras coisas, o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, o senso da beleza. E

completa afirmando que, por meio da literatura, desenvolvemos uma quota de humanidade, já que ela nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade e o semelhante.

Dessa forma, negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. No texto, datado de 1988, o crítico vê com otimismo o fato de que, apesar do crescimento da barbárie, “não se vê mais o seu elogio, como se todos soubessem que ela é algo a ser ocultado e não proclamado” (CANDIDO, 1995, p. 237). Pois bem: hoje, 30 anos depois, quando se observa, pelo Brasil e pelo mundo, o crescimento da intolerância em todos os sentidos, somado ao elogio explícito dessa mesma barbárie, torna-se ainda mais premente a presença da literatura e das artes como fator importante para a organização da nossa própria mente e do resgate da nossa humanidade.

Referências

- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. São Paulo: Zahar, 2001.
- BERMAN, M. **Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- BOSI, A. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix, 1999.
- _____. Poesia como resistência à ideologia dominante (entrevista concedida aos jornalistas Paulo Hebmüller e Daniel Garcia). **Revista Adusp**, São Paulo, p. 6-17, dez 2015. Disponível em <<https://www.adusp.org.br/files/revistas/58/mat01.pdf>>. Acesso em 11 nov. 2018.
- CANDIDO, A. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- LURKER, M. **Dicionário de Simbologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- MORIN, E. **Meus demônios**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- QUINTANA, M. S.O.S em Babilônia. In: **Apontamentos de história sobrenatural**. Rio de Janeiro: Globo 1976.
- SCHWARTZMAN, S. **A redescoberta da cultura**. São Paulo: EDUSP, 1997.